



Moacir reconhece que a população continua sendo mal-atendida

Apesar do pioneirismo, a saúde em AL vai mal

Alagoas foi o primeiro estado brasileiro a implantar o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde há 22 meses, mas até hoje não obteve resultados positivos. A saúde do alagoano permanece desassistida, como reconhece o próprio governador (e médico) Moacir Andrade. Ele não esconde sua preocupação com o difícil quadro com que se deparou na área da saúde pública ao assumir o governo, no último dia 14 de maio.

Num relatório que recebeu do secretário de Saúde, Antônio Holland, o governador ficou sabendo que o SUDS nada mudou em Alagoas desde sua implantação. Na capital, por exemplo, o índice de mortalidade infantil é de 12 por cento, ou seja, de cada mil crianças que nascem, cerca de 120 morrem antes de completar um ano. Em municípios como Viçosa, Quebrângulo, Chã Preta, Paulo Jacinto e Belém a esquisitissomose atinge 17,7 por cento

da população.

O estado está há 19 meses sem aplicar um centavo no SUDS, que sobrevive apenas com os repasses da Previdência Social, que destinou para Alagoas, na sua previsão orçamentária deste ano, um montante de NCz\$ 71 milhões, sendo NCz\$ 17 milhões para a rede particular de hospitais. "Seria necessário o dobro destes recursos", observa o médico Júlio Bandeira, presidente do Sindicato dos Médicos do estado.

Bandeira diz que todas as unidades de saúde mantidas pelo estado, inclusive o Hospital de Pronto-Socorro de Maceió, praticamente o único para atender aos 97 municípios alagoanos, estão com seus serviços comprometidos em função da grave deficiência de medicamentos, materiais de consumo e de pessoal de nível médio. Alguns postos de saúde do SUDS estão fechados por falta de condições de funcionamento.

ASR

750